

ARCA DE NOÉ.

Eu farei hum concerto contigo, e tu entrarás na Arca, tu, teus filhos, tua mulher, e as mulheres de teus filhos contigo

Genesis Cap. 6.

Não se acceptão assignaturas para este Periodico; e vende-se os numeros avulsos nas cazas dos Srs. Plancher, rua do Ouvidor; João Baptista, rua da Cadea; Albino, Praça da Constituição; Laemert, rua da Quitanda; e na rua da Ajuda n.º 118, preço 80 rs. huma folha.

RIO DE JANEIRO, TYP. DO DIARIO, 1833.

INTERIOR.

SÃO notaveis alguns topicos da Proclamação que aos habitantes das Alagoas em 1824 fez o Sr. *Francisco de Lima e Silva* hoje regente; nós os exaramos em nossa folha para bem se conhecer o *caracter* dos auctores do 7 d'Abril, e o fim que tiverão em vista, quando se rebelarão contra o Sr. D. Pedro I.

"O *Rebelle Carvalho*, indigno do nome Brasileiro, alucinando hum punhado de incautos, derrama a sizania na Provincia de Pernambuco, corta o fio de nossa tã politica, e ultraja a Religião, o Throno, e o Povo Brasileiro. O *Incomparavel Pedro I.*, Defensor, e Pai esgotados todos os meios consiliadores, me envia hoje á castigar o *rebelle auctor* de tantos males *inimigo do nosso bem ser*. A vós que nos pertence debella-lo; eu vos conduzirei a entrar-mos no Sanctuario da tranquillidade publica. Todos somos Brasileiros; confiai em mim, que eu confio nos vossos esforços. Transportes, e vivares vos peço em *Nome do Augusto Imperador, que de escravos nos fez Cidadãos, que nos deu Representação Nacional, que não cessa de promover, e segurar nossa felicidade.*

Consentiremos pois, que hum *maleado, ambicioso, e despota eclipse nossa gloria, manche nossa honra, e subverta a ordem publica expoundo*

nossa religião, nossos pais, e nossas esposas, e filhos aos temiveis, e horrorozos azares de huma guerra civil em que só elle deve ganhar? Não honrados habitantes das Alagoas; vossa fidelidade nos sagrados juramentos, vossa brio nacional, e vossa convicção sobre os verdadeiros principios da felicidade publica o não hão de permittir. Vós bem conheceis o que vos aguarda a futuro, se a hydra sangrenta da anarchia ouza levantar o cõlo. Onde hirão vossos bens, vossas familias, e tudo o que vos he mais caro!!! Por parte de quem se desprenderá o despotismo? De hum Principe, que tem sacrificado todos os interesses pela gloria de hum Povo, que o constituiu Chefe, e que tem dado as mais exuberantes provas de liberalismo, ou de hum aventureiro Carvalho, que desconhece a honra e a humanidade? Procurai na França o paralelo entre a Constitucionalidade de Luiz XVIII. e a conducta dos Chefes que o precederão; entre a moderação do mesmo Luiz XVI. e a carniflexina dos auctores daquella desgraçada revolução. Serão as relações, e credito de Carvalho, que nos hão de atrahir o Reconhecimendas Nações, ou será o Respeito, e a Magestade do Imperador?

Eia, a *Patria urge*, a *salvação Nacional* o manda, a *vossa honra* vo-lo impõe: juntai-vos a mim, marchemos a esmagar o monstro, e a restituir a liberdade aos amigos da boa,

ordem, aos nossos verdadeiros compatriotas. *Destruir os inimigos internos da Patria não he menos glorioso, que exterminar usurpadores estranhos; he atirar ao mesmo fim — Salvar a Patria ameaçada.*—

Viva o nosso Imperador Constitucional: viva a integridade do Imperio: vejão todos os bons Brasileiros amigos do Throno, e da Constituição. — Francisco de Lima e Silva, Brigadeiro General. — A bordo da Náo Pedro I.

Brasileiros! he mesmo o Sr. Francisco de Lima e Silva, que nos diz, como acabas de ver, que *nossa fidelidade aos sagrados juramentos, que nosso brio nacional, e a nossa convicção sobre os verdadeiros principios da felicidade publica não hão de permittir, que hum malvado, ambicioso, e despota eclipse nossa gloria, manche nossa honra, e subverta a ordem publica, expondo nossa Religião, nossos pais, e nossas esposas e filhos aos temiveis, e horrorosos azares de huma guerra civil em que só elle deve ganhar; e deveremos nós malograr tão justa confiança que o Sr. Francisco de Lima e Silva, tem posto no nossa brio, na nossa fidelidade aos sagrados juramentos? Não, Brasileiros; não desmereçamos tão bom conceito que de nós forma o Sr. Lima; e se a mesma fidelidade aos sagrados juramentos, o mesmo brio nacional, a mesma convicção sobre os verdadeiros principios da felicidade publica não deve permittir que hum malvado, hum ambicioso, e despota eclipse nossa honra, e manche nossa gloria, muito menos deverá consentir que a eclipssem, ou a manchem hum bando de malvados, de ambiciosos, e de despotas; não, isso não se compadece com a honra, e brio nacional; a nós mesmos pois, Brasileiros, pertence, como diz o Sr. Lima, *debellá-lo, ou debella-los para entrar-mos bem guiados no Sanctuario da tranquillidade publica: procuremos, Brasileiros onde estejam esses rebeldes, indignos do nome Brasileiro, que alucinando hum punhado de incautos, tem desseminado a sizania não em huma Provincia, mas em todo o Imperio; que tem cortado o fio de nossa tã politica, e ultrajado a Religião, o Throno, e o Povo Brasileiro; vejamos se os auctores da sedição de 7 d'Abril alucinãrão, ou não incautos; se tem derramado a sizania; se cortãrão o fio da nossa tã politica, se ultrajãrão a Religião, o Throno, e o Povo Brasileiro violando a fidelidade aos sagrados juramentos que se havião prestado ao Incomparavel Pedro I. Defensor e Pai, Augusto e Liberal Impera-**

dor, que de escravos nos fez Cidadãos, como confessa o Sr. Lima, e que não cessava de promover e segurar nossa felicidade: se elles subverterão a ordem publica, se se rebellãrão contra o Liberal Imperador, não entra em duvida que sejão malvados; se réconhecião anteriormente, como declara o Sr. Lima, que o despotismo não se podia desprender da parte do Príncipe, que sacrificou todos os interesses pela gloria de hum povo, que o constituiu Chefe, mas sim so pelo lado de algum, ou alguns aventureiros, claro he, Brasileiros, que suas intenções com a revolta do dia 7 d'Abril forão de nos impor o jugo despótico, que não podia desprender-se da parte do Príncipe, e sim de aventureiros: são elles por consequencia hums despotas: se conhecião, como diz o Sr. Lima, que o Sr. D. Pedro não cessava de promover, e segurar a nossa felicidade, foi por consequente a ambição e não o desejo de nos melhorar, quem os impellio a huma tal rebelião e são indubitavelmente, pela propria confissão do Sr. Lima, hums ambiciosos: portanto, Brasileiros, os malvados, os ambiciosos, os despotas que eclipsão nossa gloria, que manchem nossa honra, que subvertem a ordem publica, expondo nossa Religião; nossos pais, e nossas esposas e filhos aos temiveis, e horrorosos azares de huma guerra civil, em que só elles devem ganhar, são inimigos internos da Patria aos quaes não he menos glorioso destruir, que exterminar usurpadores estranhos; he atirar ao mesmo fim—Salvar a Patria ameaçada—assim o diz o Sr. Francisco de Lima e Silva hoje regente.

Transcrevemos o extracto abaixo da Tolerancia Jornal de Pernambuco para que se veja o credito que merecem os Escriptores apologistas dos infelizes acontecimentos do Pará.

Responde-se ás Notas pela Bussola feitas á Tolerancia; por sua mesma ordem.

Bem longe esteve a Tolerancia de inculpar a Bussola por haver transcripto o Publicador, e Patriota do Pará, nas expressões—*admira que tendo Avido arte—por quanto bem convencido de que os partidos muitas vezes forjão peças odiosas, para avultarem de razão com os simples, a increpação era assacada não á Bussola, que transcreveo; mas sim aos escriptores de hum partido, cujas unicas vozes, se vião*

impresas, desmentidas por testemunhas oculares, e cartas de pessoas dignas: e tanto que, em sentido opposto á revolução do Pará, não se viu, nem podia apparecer escripto algum, sem o perigo, com que aqui-mesmo nos espanta a Bussola, em seu n.º 34 com o seu *quai*.

Se o autografo do N.º 54 pois se demorou no prelo; e antecedentemente a Bussola transcreveo a *representação*, tanto melhor para ella; mas nem por isso estamos adstrictos á presciencia, cuja falta, se nos inculpa. Não asseverámos serem falsidades os officios dos Paraenses Jálles, e Guardião de Santo Antonio, mesmo no sentido de que fossem fabricados no Pará; mas parece-nos huma invenção, para açular os simples, incautos, e crêntes, mas bem intencionados a prol da Nação; as sim como vemos repetido na Bussola a historia de bacalhãos com o tempero de arames, e outras horrosas da Bahia, que o Mundo inteiro conhece terem sido fabricadas para indispor o Povo, que não pega mais na isca, e não está de accordo de continuar a servir os despotas, que o massacrão, em despeito de seus proprios interesses, da humanidade, e da justiça: e estamos bem persuadidos, que no ultimo caso os Bahianos deixarão mentir a Bussola francamente; por que a Sentinella de Pirajá he *dictum unius*, que em Direito não faz prova, ainda que fosse copiada por hum setenar de Camaradas.

A mobilidade dos Portuguezes e sportuguezados, não he propriedade delles só, talvez que elles o apprendessem de outros, e quando o seja, não lhe acho demasia da culpa, huma vez, que essa culpa tanto se tem generalizado, a ponto de muito poucos homens poderem fallar com a barba no ar, principalmente depois que se inventou o *Par de tetas*; *Correos* não podem ser julgadores neste caso. Ora perguntaremos á Bússola, donde extrahio esse juizo magistral, com que decide dos negocios do Pará? Conservou acazo com as pessoas, que assistirão á tragedia, recebeu cartas, ou algum impresso, que não fosse bafjado pelo partido vencedor? A resposta já está dada na Bússola; não, porque só recebemos impressos, que também recebemos, e nada mais. Ora huma vez pois, que só beboo noticias no Publicador, e no Patriota Paraense, e da mesma fonte, no officio ao Presidente do Ceará, temos que não fez mais do que cingir-se a isso simplesmente, sem outra couza, que o esclarecesse, e lhe socorresse o

critério; logo foi orgão de hum partido; que implora, no N.º 41 do Publicador, socorro aos demais escriptores ás suas razões, que a serem solidas, delle não carecia; logo não pôde, com razão, arguir a quem foi mais informado; e não esteve só pelo que lhe contou hum partido, que implora aos mais para ter razão.

Entretanto, já a Bussola concordando, que os Portuguezes do Pará (3.ª especie) são da communhão da Regencia, nas palavras fl. 144 do n.º 33 — *a quem Vob. mesma claria da communhão da Regencia* — e mais abaixo — *assim como os documentos officiaes, que dizem todas á carga cerrada, que fora o partido da communhão quem rompera?* — estabelece, quando o menos' que não forão aggressores pelo seu partido, mas instigados muitos dias antes, pela desobediencia preparada contra as ordens da Regencia, e effectivada, logo que chegou o Pagute Feliz, com as novas Authoridades: Logo temos concludentemente, que a Bussola se contradice, e desviou do juizo, que formára em principio a respeito da desordem.

Diremos com a Bussola pois, (por lhe acharmos razão) que os partidos portuguez, restaurador, moderado, caramuru, e federal sejam defendidos, cada hum pelos seus votarios, he muito justo, porem que qualquer delles pretenda, por ser vos Sr. quem sois, ser acreditado por arrogar-se o tom magistral e decisivo, isso he máo, e muito pior, quando se tem advogado v. g. o partido federal, e depois se vira de rumo para advogar o partido moderado; a que vulgarmente se chama—mamar.—

Não increpamos pois a Bussola de inserir noticias de sua fabrica, embora nos referissimos a peças, que trascreveo.

Da Tolerancia.

A vista da correspondencia official entre o Presidente do Pará, e o Capitão Tenente Joaquim Leal Ferreira publicada no *Verdadeiro Caramuru*, não se pode duvidar que o Sr. Machado e Seára forão as causas das desgraças, que ainda hoje enluctão aquella desgraçada Provincia; e que o numero dos perseguidos pelo *barbaeo Presidente* foi maior o de Brasileiros natos, que o de adoptivos, os quaes por queierem sustentar as ordens da Regencia e o governo da sua eleição forão victimas da ambí

ção e crueldade dos dous nefarios monstros que não quizerão ceder o mando, desobedecendo criminosamente as ordens do governo central; cabia pois sobre elles toda a vingança das leis, e o pezo da responsabilidade de tantos crimes, de tanto sangue derramado! O Governo se quizer afastar de si a nota de fayonear tão enormes delictos em afronta das leis, da honra, e da humanidade deverá quanto antes fazer castigar os refractarios as suas ordens, e restituir a paz áquella desgraçada Provincia. As Illustres Commisões da Constituição, e Justiça Criminal da Augusta Camara dos Srs. Deputados cheias dos sentimentos de justiça, de honra, e dignidade já em seu Parecer de 15 de Julho se dignarão desapprovar taes actos de eterna execração e tendentes á aniquilação, da estabilidade, segurança e prosperidade do Imperio; oxalá que seus votos se jáo escutados!

Chegou o Sr. Vasconcellos de Minas, e nós nos esquecemos de dar os parabens a nossos concidadãos de o havermos á mão tão gozdo e tão bello, que faz gosto; foi esquecimento de que pedimos desculpa; aproveitamos pois esta occasião para fazer nossos cumprimentos ao digno pae da patria, e dar-lhe os parabens por se haver escapado aos Ouvo-Pretanos, que quizerão tão injustamente dar-lhe cabo do canastro: confie S. Ex. restaurada, não tenha medo, que agora esta entregue abo. as mãos; no Rio saberão tomar em devida conta os serviços de S. Ex.: extrañhamos porem que S. Ex. se ligue em tão estreita amizade, com o seu Chará aquem os Srs. Moderados tem com razão tanto achincalhado, chamando-lhe — o Jam Fernandes — caloteiro, tolo &c, &c. ora para que hade o Sr. Vasconcellos 1.º indispor se com a moderação por cauza do Vasconcellos 2.º? a simpatia de cognome não deve merecer tão grande sacrificio a S. Ex. para que se associe a hum homem tão mal visto vindo a perder por isso os creditos que tem grangeado, e a sentir o desprazer de ouvir dizer; que — tão bom tractante he hum como outro.

Const-nos que o Sr. Torres dissera (talvez por conselho do padrinho que he bom rapaz) que na repartição da marinha não havia de ser empregado pardo algum; a ser cumpridos tão bons desejos citados dos pobres pardos que cairão no desagrado de S. Ex.!

CORRESPONDENCIA.

Sr. Redactor.

Acazo o Sr. Albino Gomes Guerra ja estará amigo do Redactor da Aurora, ou aos olhos deste imparcial escriptor não será o Sr. Albino o mesmo homem que era para não lhe merecer ja as censuras, que d'antes com tanta acomonia lhe fazia? de dua, huma; ou o Sr. Albino mudou, ou a Aurora vai com elle: desejava que o Sr. Redactor desse o seu parecer a este respeito, pelo que lhe ficará muito agradecido o seu constante leitor. *

O inimigo dos páos de dous bicos.

Para tirar das duvidas o nosso correspondente diremos que, ao que nos parece, o Sr. Albino he o mesmo homem que d'antes era: nem o levar e trazer deixa de tornar alguém diferente do que sempre foi, ou fazer desmerecer o credito, e confiança que huma vez se gozou; que importa que tenhamos informações do Sr. Lima, e do que se passa e vice-versa? he isto motivo para suspeitar-se mal? não; antes d'ahi resulta algum bem.

APOSTA.

Aposta-se 100 contra 1 em como o Sr. Torres ministro da marinha não he capaz de dar o rumo a huma Embarcação (sem ser canoá do porto das caixas) e fazella seguir viagem a alguns dos Portos do Imperio sem dar com o navio em pantana: se o Sr. Torres se atrever a tanto confessar-mos que entende alguma couza de marinha; mas em caso contrario terá a bondade o Sr. Torres de larga a pasta de que nada entende porque só para chupitar os doze mil crusados não he airoso que o Sr. Torres esteja na marinha; pois alem do descredito que recache na sua pessoa, a nação não menos se desacredita em confiar a Pasta da marinha a hum homem leigo, e muito leigo em semelhante ramo; ah! o Sr. Torres tem medo de perder a posta? então largue o posto para não comer á gagoza o dinheiro á nação.

RIO DE JAN. NA TYP. DO DIARIO,
DE N. L. VIANNA. 1833.